



## Proposta de Protocolo Metodológico para Captura de Matérias de Revistas<sup>1</sup>

Lenon Martins DE PAULA<sup>2</sup>

Aline Roes DALMOLIN<sup>3</sup>

Ada Cristina Machado SILVEIRA<sup>4</sup>

Isabel Padilha GUIMARÃES<sup>5</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### Resumo

O presente artigo busca sistematizar os métodos utilizados para a construção de um banco de dados sobre a cobertura jornalística das periferias nacionais e metropolitanas no Brasil. O protocolo baseia-se na coleta e na pesquisa de matérias sobre a temática publicadas entre os anos 2006 e 2012, nas quatro principais revistas semanais de informação do país – Veja, Época, Carta Capital e IstoÉ – em suporte impresso e digital, totalizando um universo de 1344 edições. O percurso metodológico envolve os níveis de coleta e análise dos dados, compreendido em quatro estágios: a) levantamento das revistas; b) captura das matérias jornalísticas de revistas conforme o meio de disponibilização (fotografia ou captura digital); c) construção de um banco de dados; e d) análise das matérias, com a aplicação de metodologias de análise.

**Palavras-Chave:** cobertura jornalística; metodologia de pesquisa; pesquisa em revista; fronteiras; periferias.

### Introdução

A metáfora do “campo em construção” frequentemente vem sendo utilizada por pesquisadores para referir-se ao campo da comunicação, devido a seu estatuto epistemológico recente e seu caráter interdisciplinar, constituído em relação intrínseca a teorias e metodologias oriundas e desenvolvidas em conjunto com outros campos do conhecimento. Em razão disso, a reflexão sobre os percursos e práticas metodológicas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no II 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

<sup>2</sup> Estudante de graduação do 3º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFSM e Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq. E-mail: lenonmpaula@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Bolsista de estágio pós-doutoral do Departamento de Comunicação/Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFSM. Bolsista PNPd/Capes. E-mail: dalmoline@gmail.com

<sup>4</sup> Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Pesquisadora do CNPq. E-mail: adac.machadosilveira@gmail.com

<sup>5</sup> Bolsista de estágio pós-doutoral do Departamento de Comunicação/Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFSM. Bolsista Fapergs/Capes. E-mail: isabelpadilha@yahoo.com.br



constitui numa instância de especial importância no atual estágio de desenvolvimento do campo comunicacional no Brasil.

O presente artigo busca expor a trajetória metodológica desenvolvida na pesquisa empírica sobre a cobertura jornalística brasileira sobre as periferias nacionais (fronteiras internacionais) e metropolitanas (favelas) desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa Comunicação, Identidades e Fronteiras<sup>6</sup> da Universidade Federal de Santa Maria. Nosso objetivo principal é o de propor um protocolo de caráter metodológico para sistematizar a captura de matérias nas práticas de pesquisa desenvolvidas pelo grupo, que tem como objeto empírico revistas semanais de informação.

Este artigo origina-se da necessidade do grupo de definir um protocolo para suas atividades de pesquisa. Desse propósito mais restrito e localizado, surge o objetivo mais amplo de orientar pesquisadores, sobretudo os iniciantes, que se deparam com a tarefa de lidar com um grande volume de dados oriundos de coleções de veículos de mídia, tendo dificuldade na manipulação da pesquisa empírica.

Buscaremos relatar aspectos que comumente são relegados aos bastidores da pesquisa, por possuírem caráter prático que são fonte de problemas que caracterizam o dia-a-dia de qualquer pesquisador voltado para a análise de produtos jornalísticos. Nesse sentido, reportaremos experiências e dificuldades, fruto de aprendizados decorrentes de um processo de tentativa e erro, como toda investigação de caráter científico.

Nossa intenção não é a de estabelecer uma proposta engessada ou definir um método a ser aplicado indistintamente a qualquer objeto, mas desenvolver uma sugestão de prática metodológica que pode ser articulada de acordo com a especificidade dos objetivos de pesquisa e de novas proposições a serem estruturadas pelo debate acadêmico com outros pesquisadores envolvidos em propósitos afins. Não se trata da proposição de um protocolo definitivo, mas a ideia de relatar um percurso de pesquisa que e apoia na experiência prática dos pesquisadores do grupo envolvidos com a análise do material empírico.

---

<sup>6</sup> O Grupo de Pesquisa Comunicação, Identidades e Fronteiras, coordenado pela Prof. Dr.<sup>a</sup> Ada Cristina Machado Silveira, conta com duas bolsistas de ensino médio, sete bolsistas de graduação, três mestrandos, três doutorandos, e três pesquisadores. Mais informações sobre o Grupo de Pesquisa no blog <http://comunicacaoeidentidades.wordpress.com/>>, ou no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0327609KJREEGV>> Acesso em: 22 mar. 2014.



## **A Cobertura Jornalística sobre as Periferias Nacionais e Metropolitanas nas Revistas Semanais de Informação**

O levantamento desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa Comunicação, Identidades e Fronteiras tem a finalidade de construir um banco de dados com o conjunto das matérias sobre fronteiras, favelas, periferias e Amazônia publicadas nas quatro principais revistas semanais de informação do país – Veja, Época, Carta Capital e IstoÉ. O grupo vem trabalhando com a análise das revistas publicadas entre os anos 2006 e 2012, totalizando um universo de 1344 edições.<sup>7</sup> A pesquisa é feita a partir de coleções das revistas disponíveis na web, em bibliotecas universitárias e acervos institucionais.<sup>8</sup>

A construção de um banco de dados ocorre no sentido de dar suporte para as investigações desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa, especialmente os projetos “Ambivalências entre fronteiras e favelas na cobertura jornalísticas de fronteiras” e “Pelos olhos de terceiros: poder, imaginário e cobertura jornalística”.

As investigações partem do conceito de ambivalência, desenvolvido a partir de Bauman (1999), para o qual este representa o ponto central do entendimento da sociedade moderna. Observa-se que o agenciamento jornalístico da mídia impressa apresenta práticas semelhantes quanto à cobertura de acontecimentos ocorridos nas periferias nacionais (fronteiras internacionais e Amazônia) e metropolitanas (favelas), que embora diferentes sob uma perspectiva geográfica e cultural, são tratadas sob o mesmo parâmetro comunicacional. Desse modo, esses espaços são prioritariamente enquadrados por uma condição discursiva ambígua e atrelada a um imaginário de situações recorrentes, marcadas pelo caos, pela violência e pela ausência do Estado.

A preferência por trabalhar com revistas semanais de informação se dá devido a dificuldade de definir com precisão quais sejam os jornais impressos de referência no Brasil, que poderiam embasar análises focadas na construção de discursos sobre a nacionalidade. Os jornais não representam a preferência do público na sua escolha por veículos impressos, pois a maioria dos brasileiros não tem o costume de ler jornais com frequência. Em pesquisa realizada pelo governo brasileiro, 75% dos entrevistados declararam não ler jornal, sendo que apenas 6% tem o costume de ler jornais todos os

---

<sup>7</sup> Os resultados preliminares desta pesquisa foram compartilhados com a comunidade acadêmica nos artigos de De Paula, Silveira, Guimarães, Dalmolin, Henriques, Paul e Silva (2013) e Dalmolin, Guimarães e Silveira (2013).

<sup>8</sup> A pesquisa das revistas IstoÉ e Época até o momento da submissão desta comunicação está sendo feita a partir das edições disponíveis na Biblioteca Central Manoel Marques de Souza "Conde de Porto Alegre" da Universidade Federal de Santa Maria, enquanto a da revista Carta Capital está sendo realizada nesta biblioteca, complementada com edições do acervo do Sindicato dos Docentes da UFSM e do acervo particular do Grupo de Pesquisa Comunicação, Identidades e Fronteiras.



dias (BRASIL, 2014).<sup>9</sup> Segundo dados da mesma pesquisa, os três jornais mais lidos no país - Extra, Super Notícia e Meia Hora – nem de longe podem ser caracterizados como jornais de referência, pois são jornais de perfil popular.

Por outro lado, o olhar direcionado para as revistas semanais de informação se perfaz por sua tradição no cenário nacional, como fonte de informação e pela expressão de sua tiragem.

### **Etapas do Protocolo Metodológico**

Neste artigo, detalharemos o percurso metodológico que envolve os níveis de coleta e análise dos dados, compreendido em quatro estágios: a) o levantamento das revistas (numérico/de disponibilidade e textual); b) a captura das matérias jornalísticas de revistas conforme o meio de disponibilização (fotografia ou captura digital); c) a construção de um banco de dados integrado com o auxílio do software NVivo para congregar as matérias coletadas; e d) a análise das mesmas matérias, com a aplicação de metodologias de análise.

a) levantamento das revistas (numérico/de disponibilidade e textual):

Na pesquisa das edições físicas das revistas (Carta Capital, Época e IstoÉ<sup>10</sup>), realizamos o levantamento numérico e de disponibilidade, que consiste na contagem das edições para leitura e análise, e a elaboração de uma lista. Nesta lista, ordenamos as edições pelo número da edição, e assinalamos quais estão disponíveis, de modo a organizar e estruturar a realização da etapa seguinte, quando fazemos a leitura de cada edição (levantamento textual). No caso da revista Veja, esta listagem não é necessária pelo fato do acervo completo estar disponibilizado online.<sup>11</sup>

Nesta etapa do levantamento, destaca-se a dificuldade em encontrar o acervo completo das revistas nas instituições pesquisadas. Frequentemente nos deparamos com falhas na linearidade da disponibilização: a ausência de edições em determinados

---

<sup>9</sup> O percentual baseia-se em dados da pesquisa realizada em 2013 pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (SECOM), sob a amostra de 18.312 entrevistas realizadas em território nacional. Disponível em: <[http://www.secom.gov.br/orientacoes-gerais/pesquisa/livro-pesquisa-brasileira-de-midia\\_internet-pdf](http://www.secom.gov.br/orientacoes-gerais/pesquisa/livro-pesquisa-brasileira-de-midia_internet-pdf)> Acesso em 20 mar. 2014

<sup>10</sup> A revista Época disponibiliza digitalmente as edições publicadas a partir de 16 de dezembro de 2011, porém, apenas assinantes possuem acesso às mesmas em sua formatação original. Disponível em <<http://editoraglobo.adobe.globo.com/adobe/revista-digital/epoca/>> Acesso em: 10. jan 2014. Já as revistas Carta Capital e IstoÉ disponibilizam apenas os links das suas notícias na web conforme as edições publicadas, e não a revista na íntegra. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/>> <<http://www.istoe.com.br/revista/edicoes-anteriores/>> Acesso em: 10 jan. 2014.

<sup>11</sup> Vide <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/>> Acesso em: 12 jan. 2014.



período de tempo, como por exemplo, a revista Carta Capital, cuja disponibilidade na Biblioteca Central da UFSM compreende apenas o período de 2009 a 2012. A dificuldade de encontrar as edições em um mesmo repositório nos leva a pesquisar em outras dependências, exigindo o deslocamento e a articulação cooperativa entre os bolsistas do grupo, no sentido de revezar o trabalho e conseguir levantar as edições correspondentes ao período estipulado pelo grupo, de 2006 a 2012.

Posteriormente, realizamos o levantamento textual, quando nos detemos na leitura abrangente de cada uma das edições para identificar a presença de matérias sobre temas e enfoques que trazem abordagens sobre as periferias nacionais e metropolitanas. Estas matérias serão capturadas de forma diferenciada conforme o suporte no qual elas estão disponíveis, identificando, na listagem, a edição e a página nas quais elas se encontram.

Nesta etapa destaca-se a dificuldade de lidar com um grande universo de análise, as 1344 edições de Veja, Época, IstoÉ e Carta Capital publicadas ao longo de sete anos. Inicialmente tentou-se localizar as matérias de interesse através da pesquisa por palavras-chave nos mecanismos de busca dos portais das revistas. No entanto, constatou-se que os registros não reproduziam a totalidade das matérias que enfocavam os temas abordados pelo grupo, optando-se pela leitura linear de todas as edições.

- b) captura das matérias jornalísticas de revistas conforme o meio de disponibilização (fotografia ou captura digital):

Nesta etapa do levantamento, efetivamos a aplicação do método de captura, para arquivar as matérias selecionadas na etapa anterior. No caso das revistas Carta Capital, IstoÉ e Época, a captura ocorre por meio de fotografia. Utilizamos uma prancheta<sup>12</sup> para manter a revista sem ondulações entre as páginas espelhadas, facilitando a qualidade da foto da matéria (Fig.1). As fotografias seguem um padrão de enquadramento e iluminação, a fim de facilitar a visualização dos dados, compreendendo as páginas listadas no levantamento textual.

---

<sup>12</sup> Como não encontramos no mercado pranchetas adequadas para a visualização das matérias das revistas, adaptamos uma placa de madeira com grampos móveis nas laterais, que ajudam a manter a revista aberta e sem dobras para fazer a fotografia.





Figura 1: foto de uma matéria arquivada da revista Carta Capital.  
Fonte: arquivo próprio do Grupo.

No caso da revista *Veja*, que tem o seu acervo disponibilizado virtualmente,<sup>13</sup> a captura ocorre pelo método que denominamos “captura digital”. Não se trata de uma cópia da tela (*print screen*), até porque este processo traria perda da qualidade das matérias, dificultando a compreensão do texto e das imagens. Em função disso, optamos por salvar as páginas no formato Portable Document Format (PDF), com alta qualidade, diretamente da interface do website do acervo digital da revista *Veja*. Em cada matéria selecionada, aplicamos uma sequência de etapas que incluem: salvar a capa da edição, o índice, a carta ao leitor e as páginas listadas no levantamento textual no formato \*.pdf. Como cada página é salva de forma individual, posteriormente copiamos estas imagens contidas nestes arquivos e colamos em um *software* de edição gráfica.<sup>14</sup> Assim é possível termos as duas páginas espelhadas unidas numa só imagem (Fig. 2).

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital/>> Acesso em: 12 jan. 2014.

<sup>14</sup> Utilizamos o *Paint*, do Windows para salvar as imagens contidas nos arquivos \*.pdf em \*.jpeg.



Figura 2: foto de uma matéria arquivada da revista Veja.  
Fonte: www.veja.com

A leitura ampla de cada uma das edições no sentido de identificar a presença dos operadores semânticos nas matérias que trazem abordagens sobre as periferias e sua posterior incorporação ao banco de dados, com o auxílio do software *NVivo*, constitui exaustiva e importante etapa para a posterior análise aprofundada das matérias, etapa que será apresentada mais adiante.

- c) a construção de um banco de dados integrado com o auxílio do software *NVivo* para congregar as matérias coletadas:

Até esta etapa, os arquivos no formato \*.jpeg, correspondentes às fotografias (Carta Capital, IstoÉ e Época) e às capturas digitais em formato \*.pdf das matérias (Veja), não possuem identificação – exceto pelo conteúdo da própria imagem. Uma importante etapa é realizar o arquivamento das capturas proporcionando, assim, o ordenamento das matérias no sentido de facilitar aos pesquisadores a consulta ao arquivo e a rápida localização de cada matéria.

Para a organização do banco de dados, as matérias coletadas no levantamento são armazenadas em pastas dispostas em sequência (Fig. 3), agrupadas a partir seguintes dados: título da revista (Veja, Istoé, Época ou Carta Capital); ano; número da edição e data de publicação; paginação e título da matéria; e assunto (fronteira, favela, periferia, Amazônia). Isso facilita a localização rápida a partir de qualquer uma dessas



informações, agilizando o manuseio dos dados por parte dos pesquisadores do grupo. Na etapa seguinte, os pesquisadores fazem a leitura das matérias diretamente do banco de dados para categorizá-las a partir dos operadores semânticos.

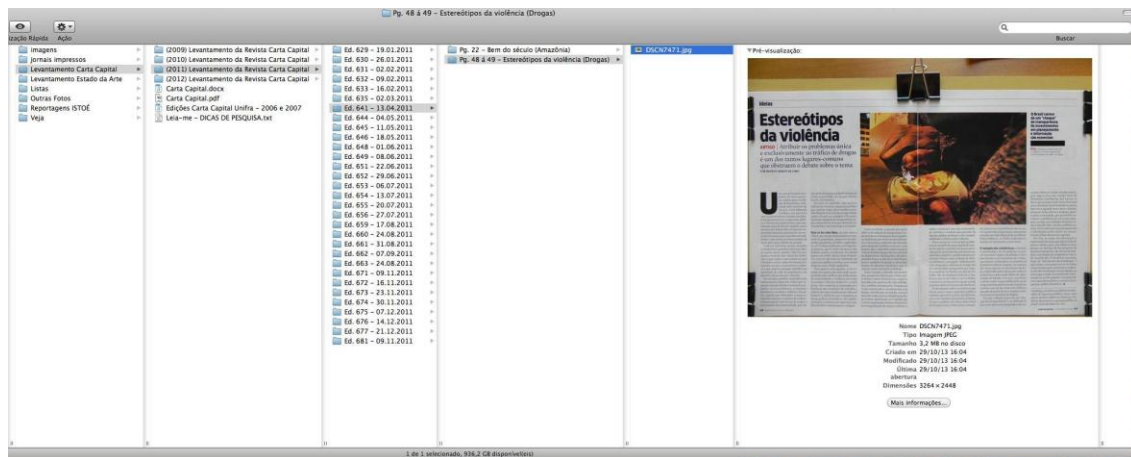


Figura 3: Exemplo da sistemática de arquivamento do banco de dados.  
Fonte: acervo próprio do Grupo.

d) análise das matérias, com a aplicação de metodologias:

A última etapa se dá a partir da categorização das matérias por operadores semânticos, como por exemplo “fronteiras”, “favelas”, “periferias”, “comunidade”, “imigração”, “drogas”. Esses termos irão classificar os principais assuntos e temas, construídos a partir da articulação de caráter teórico e empírico sobre o objeto de pesquisa em questão, a cobertura jornalística sobre as periferias nacionais e metropolitanas do Brasil.

Além dessa classificação temática, cada matéria será submetida à aplicação do protocolo de análise de cobertura, adaptado de Silva e Maia (2011), que busca compreender aspectos da produção jornalística em produtos midiáticos (matérias em jornais, revistas, programas televisivos, radiofônicos, etc.). Apoiadas em Kovach e Rosenstiel<sup>15</sup> (2004 apud SILVA e MAIA, 2011), as autoras afirmam que a análise das matérias pode elucidar procedimentos de trabalho adotados na cobertura, revelando dados importantes como a presença de tendência ao jornalismo declaratório, a preponderância de análises e interpretações sobre a busca de fatos novos ou a recorrência do denunciamento. Para fins práticos, Silva e Maia (2011) orientam uma abordagem de três níveis – 1) marcas da apuração, 2) marcas da composição do produto

<sup>15</sup> KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.





e 3) aspectos do contexto da produção – que estruturam uma lista de categorias a servir como base para uma apropriação inicial das matérias do levantamento:

1º nível: marcas da apuração: a) *assinatura* (se a matéria é assinada ou não e, em caso afirmativo, se este é jornalista da redação, freelancer, enviado especial ou se deriva de agência de notícias); b) *local de apuração/acesso do jornalista ao local do acontecimento* (se há indícios de que o jornalista tenha se destacado ou não para o local, efetuando a apuração *in loco*); c) *origem da informação* (especifica quem são as fontes consultadas e se estas são de primeira ou segunda mão).

2º nível: marcas da composição do produto: gênero jornalístico, localização do texto na página, recursos visuais adicionais (gráfico, boxe, infográfico, etc.).

3º nível: aspectos do contexto da produção: caracterização contextual interna (referente à estrutura do veículo que produziu a matéria) e externa (relacionada ao acontecimento em questão).

Após o desvelamento dessas recorrências a partir do mapeamento dos operadores semânticos, a ideia é desenvolver pesquisas sobre as matérias contidas no banco de dados com análises de perfil qualitativo. Nesse sentido, nosso grupo de pesquisa vem trabalhando com metodologias como a análise discursiva (FOUCAULT, 2000) e a interpretação sócio-semiótica (HALLIDAY, 1978; HODGE e KRESS, 1988, 1993; VAN LEEUWEN, 2005). Artigos anteriores servem como exemplo da aplicação dessas metodologias à análise da cobertura jornalística sobre as periferias nacionais e metropolitanas (SILVEIRA, 2009, 2012; GUIMARÃES, SILVEIRA, 2012a; GUIMARÃES, SILVEIRA, 2012b; DALMOLIN, GUIMARÃES, SILVEIRA, 2013a; DALMOLIN, GUIMARÃES, SILVEIRA, 2013b).

Estas diferentes dimensões auxiliam na compreensão da discursividade midiática no sentido de compreender como é que as alegorias da nação continuam a se constituir em limites político, social e cultural no mundo globalizado.

### **Considerações Finais**

Neste artigo, descrevemos uma proposta de protocolo metodológico, desenvolvida com o objetivo de construirmos um banco de dados sobre a cobertura jornalística das revistas semanais de informação a respeito das periferias nacionais e metropolitanas brasileiras. No entanto, acreditamos que a explicitação deste processo



possa auxiliar outros pesquisadores que trabalham com a manipulação de *corpora* amplos a desenvolverem suas investigações. Muitas vezes estes perdem um tempo precioso e cada vez mais raro no fazer acadêmico para elaborar diferentes procedimentos técnicos a cada pesquisa, em função da ausência de protocolos metodológicos dos quais possam se apropriar para adaptá-los às processualidades de seus projetos. O fato de lidar com um grande volume de dados pode ser uma fonte de problemas para pesquisadores mais habituados ao desenvolvimento de pesquisas de caráter qualitativo, mais frequentes no campo comunicacional brasileiro.

Esse trabalho vem sendo fundamental para o desenvolvimento das pesquisas do grupo Comunicação, Identidades e Fronteiras, pois sistematiza o conhecimento por este já consolidado e apresentado à comunidade acadêmica através da divulgação científica. Explicitar as etapas deste processo, além de solidificar as bases nas quais se sustenta a trajetória de pesquisa de nosso grupo, pode auxiliar e inspirar outros investigadores a trilharem seus próprios caminhos.

### Referências Bibliográficas

BENETTI, M. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. In: TAVARES, Frederico; SCHWAAB, Reges (Org.) **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

BRASIL. **Pesquisa brasileira de mídia 2014**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. – Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/orientacoes-gerais/pesquisa/livro-pesquisa-brasileira-de-midia-internet-pdf>> Acesso em: 20 mar. 2014.

DALMOLIN, A. R.; GUIMARÃES, I. P.; SILVEIRA, A. C. M.; Um outro olhar sobre as periferias: a cobertura jornalística de revistas semanais brasileiras frente à emergência das práticas colaborativas na rede. **Eco-Pós** (Online), Rio de Janeiro, v.16, p.84-97, 2013a.

\_\_\_\_\_. As periferias nacionais e metropolitanas na revista Veja (2006-2012). In: IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA COMUNICAÇÃO, PUCRS. **Anais**. Porto Alegre: Edipucrs, 2013b, v.1.

DE PAULA, L. M.; SILVEIRA, A. C. M.; GUIMARÃES, I. P.; DALMOLIN, A. R.; HENRIQUES, M. N.; PAUL, D. M.; SILVA, L. M. T. As periferias nas revistas semanais de informação: Veja, IstoÉ, Época e Carta Capital In: JORNADA ACADÊMICA INTEGRADA, 28ª, UFSM. **Anais**. Santa Maria: 2013.



FOUCAULT, M. A ordem do discurso. In: **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

GUIMARÃES, I. P. e SILVEIRA, A. C. M. Sobre lugares de crimes e castigos: periferia e imaginário colonial. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 35º, Intercom. **Anais**. Fortaleza: Ceará. 2012a.

GUIMARÃES, I. P. e SILVEIRA, A. C. M. O imaginário midiático das fronteiras na cobertura jornalística. **Anais de la Conferencia Regional UC-ICA**, Santiago do Chile, Chile, 2012b.

HALLIDAY, M. **Language as social semiotic**. Londres: Edward Arnold, 1978

HERSCOVITZ, H. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (org.) **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

HODGE, B. e KRESS, G. **Social Semiotics**. Cambridge: Polity, 1988.

\_\_\_\_\_. **Language as Ideology**. Londres: Routledge, 1993.

SILVA, G.; MAIA, F. D. Análise de cobertura jornalística : um protocolo metodológico. **Rumores**, v. 5, n. 10, p. 18–36, 2011.

SILVEIRA, A. C. M. A cobertura jornalística de fronteirões e favelados – narrativas securitárias e imunização contra a diferença. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 35, n. 1, p. 75–92, 2012.

SILVEIRA, A. C. M. . Apropriações e modos de ver e devorar o outro: a ambivalência na cobertura jornalística das periferias. -, v. 14, p. 1, 2009. **Ghrehh**, v. 14, n. outubro/2009, p. 157–176, 2009.

VAN LEEUWEN, T. **Introducing social semiotics**. Londres: Routledge, 2005.